

PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL NO BRASIL: COMO ERA E COMO É OU DEVE SER

2011

Naiana Dapieve Patias

Psicóloga. Especialista em Criança e adolescente em situação de risco (UNIFRA).
Mestranda em Psicologia (UFSM), Brasil

Marília Reginato Gabriel

Psicóloga. Especializanda em terapia de casal e família (Domus).
Mestranda em Psicologia (UFRGS), Brasil

E-mail:

naipatias@hotmail.com

RESUMO

Este artigo propõe-se a uma reflexão acerca do percurso histórico da Psicologia Escolar/Educacional enquanto um campo da Psicologia ainda em consolidação. Para tanto foi realizada uma revisão assistemática da literatura sobre o tema. Observa-se que a construção da Psicologia Escolar/Educacional no Brasil tem suas origens na área da educação, demarcada por períodos históricos que caracterizam transformações intensas nas concepções do psicólogo escolar. Constata-se que essa área ainda encontra-se em um momento de estabilização, mesmo que ainda sejam necessárias evoluções nas teorias e práticas do psicólogo escolar. Além disso, discute-se quais são os principais objetivos e desafios do psicólogo que trabalha com psicologia escolar.

Palavras-chave: Psicologia escolar/educacional, aspectos históricos, prática da psicologia escolar/educacional

INTRODUÇÃO

Atualmente, sabe-se que a Psicologia possui vários campos de atuação, alguns mais estabelecidos, enquanto outros estão em um processo de desenvolvimento. No entanto, no contexto brasileiro, ainda permanece a idéia de que o profissional psicólogo é aquele que atende

peças com problemas psicológicos em consultório particular. De fato, a Psicologia Clínica é uma das áreas da Psicologia mais popularizada. No entanto, o Conselho Federal de Psicologia reconhece outras áreas de atuação, registradas na resolução 013/07 Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia do Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade; Psicologia Social e Neuropsicologia. Neste artigo o enfoque será dado ao campo da Psicologia Escolar/Educacional, refletindo sobre sua construção histórica no Brasil, bem como sua prática e consolidação, a partir de alguns autores que se dedicam à temática.

Durante muito tempo a psicologia pôde ser vista como contribuiu para a manutenção da organização escolar. Isso se dava na medida em que os profissionais cumpriam as exigências da sociedade. De fato, no que diz respeito ao seu surgimento, a Psicologia Escolar surgiu para atender funções específicas, agindo no sentido de manter ou reforçar a posição social que o aluno ocupava na escola. Dessa maneira, por muito tempo a psicologia enfatizou apenas os aspectos particulares dos indivíduos ou das famílias ou do meio sociocultural ao desconsiderar os aspectos múltiplos dos fatores que estão envolvidos na problemática do sujeito, principalmente em relação à aprendizagem (Bock, 2003).

Em seu surgimento, a psicologia escolar, através das teorias do fracasso escolar e de teorias que possuíam o indivíduo como foco, inseria-se no contexto escolar com o objetivo implícito de legitimar a postura classificatória dos alunos e suas famílias. Esta prática afirmava que o fracasso relativo à aprendizagem do aluno está nele mesmo, isto é, o aluno tem aptidões inatas para o desenvolvimento, caso isso não aconteça o aluno é responsabilizado por um fracasso que ele carrega. Assim, a psicologia ocultava os aspectos sociais e culturais que estavam envolvidos na educação, sendo esta um importante processo social de transmissão cultural, modelos, valores (Bock, 2003).

Deste modo, as questões históricas que permeiam a construção da Psicologia Escolar/Educacional se tornam essenciais para o entendimento deste campo de atuação e de estudo do psicólogo. Ao compreender os aspectos históricos da psicologia escolar/educacional, os profissionais envolvidos com a escola podem utilizar essa especialidade de forma adequada, assim como o próprio psicólogo pode entender o que se espera dele neste contexto, bem como a compreensão das demandas que daí surgirem.

MATERIAL E MÉTODO

Os dados foram levantados a partir de uma revisão assistemática da literatura com algumas obras da área da Psicologia Escolar/Educacional¹ existentes. Propõe-se uma reflexão sobre a

¹ Muitos autores divergem quando se referem aos termos Psicologia escolar e Psicologia educacional. Uns consideram que a Psicologia Escolar e Educacional juntas fazem parte de uma área específica da psicologia. Outros

história da Psicologia escolar e sua consolidação a partir de trabalhos teóricos e empíricos que abordam essa área da Psicologia. Para tanto, foram revisadas algumas obras importantes na área como Costa, Souza e Roncaglio (2003), Guzzo (2002), Marinho-Araújo e Almeida (2005), Patto (1997) e alguns artigos mais recentes, publicados na área. Nesse sentido, não se pretende realizar uma revisão sistemática da literatura, mas sim discutir como alguns autores têm compreendido a psicologia escolar e sua prática, mostrando como, no decorrer da história, a Psicologia escolar/Educacional tem se diferenciando do seu nascimento, encontrando-se em um campo ainda em consolidação.

A PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL NO DECORRER DA HISTÓRIA

De acordo com Patto (1997), a história da psicologia do Brasil divide-se em três grandes períodos. O primeiro, de 1906 a 1930, foi marcado por um modelo europeu, cujo enfoque estava nos estudos de laboratório, sem intervir na realidade. O segundo período, de 1930 a 1960, distinguiu-se pelo tecnicismo americano, marcado pelos testes psicológicos voltados para o diagnóstico, predição e controle. Já o terceiro momento, a partir de 1960, caracteriza-se pela postura adaptacionista do psicólogo, quando este se preocupava em solucionar problemas de aprendizagem e comportamento.

A partir de 1970, com a promulgação da lei nº 5.692, houve a ampliação do sistema educacional, efetivando a expansão da escola obrigatória e gratuita. Com isso, houve um aumento significativo de alunos advindos das mais diversas realidades socioculturais. Assim, com o crescimento do número de alunos, a diversidade nas formas individuais de aprendizagem e de comportamento demandou a atuação do psicólogo na escola, já que as intervenções pedagógicas não supriam as necessidades (Barbosa & Marinho-Araújo, 2010; Guzzo et al, 2010; Marinho-Araújo & Almeida, 2005).

A demanda específica de enfrentamento ou resolução de situações problemas no contexto escolar para o psicólogo fez com que surgisse a figura do psicólogo escolar ou educacional. Esse profissional especializado tinha como tarefa avaliar e tratar o aluno, através de seu arcabouço teórico, visando a prevenção de desajustes para adequada condução de comportamentos ajustados socialmente. A psicologia normatizadora era a base para a atuação do psicólogo escolar (Marinho-Araújo & Almeida, 2005).

Nesse sentido, durante um considerável tempo, permaneceu a idéia de que o profissional de psicologia, no contexto escolar, apenas media as capacidades dos alunos com testes, mostrando

autores mencionam que a Psicologia Educacional refere-se à produção de conhecimentos psicológicos que se direcionam a educação, enquanto a Psicologia Escolar se direciona aplicação dessas correntes teóricas junto à comunidade escolar (BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010). No presente artigo considera-se que as duas áreas não podem ser separadas, assim, será utilizado o termo escolar/educacional.

os aptos e não aptos para a aprendizagem, excluindo crianças (Andrada, 2005). Os testes, os laudos e diagnósticos passaram a tomar lugar como prática do psicólogo escolar, explicando aos familiares e aos professores os motivos do fracasso escolar de determinado aluno. Utilizando essas técnicas, o psicólogo, retirava alunos da sala para “readaptá-lo”, corrigir seu fracasso, colocando toda a responsabilidade no aluno, seja por ele fracassar, seja para ele ter sucesso (Andrada, 2005; Barbosa & Marinho-Araújo, 2010; Guzzo, 2002; Guzzo et al., 2010).

Desta forma, percebe-se que a postura avaliativa e psicodiagnóstica da segunda fase, descrita por Patto (1997), associava-se com a perspectiva adaptacionista da terceira fase. Segundo Marinho-Araújo e Almeida (2005), esta perspectiva contribuiu para validar posições ideológicas, vinculadas com a prática de dominação, discriminação e exclusão, tratando os problemas escolares de forma adaptativa e remediativa, com ênfase no ajustamento. O individualismo era priorizado pela psicologia escolar nessa época, as intervenções eram focadas em ações exclusivas com o aluno, desconsiderando a instituição e suas relações sociais.

Esta visão da psicologia escolar reverberava na forma como era conduzida a formação do psicólogo, principalmente até meados da década de 80. Por exemplo, os conteúdos ministrados nas primeiras turmas de psicólogos da Universidade de São Paulo na disciplina de Psicologia Escolar focavam os problemas de aprendizagem com atenção voltada ao aluno. Assim, as disciplinas examinavam problemas escolares com as especialidades de psicologia do desenvolvimento infantil, psicologia da aprendizagem, testes e medidas psicológicas. Isso concretizou uma norma do aprender e do desenvolvimento normal infantil, isto é, o mais adequado e esperado. Se fugisse desse padrão, o aluno era considerado anormal (Patto, 1997).

No entanto, a partir da década de 80, houve uma ressignificação da atuação do profissional de psicologia escolar para uma prática voltada ao contexto escolar e suas relações. Opondo-se a décadas anteriores, quando se privilegiavam os aspectos orgânicos-maturacionais e psicológicos do aluno e sua família, bem como que apontavam características individuais do professor ou sua formação como responsáveis por algo que não estava indo bem na escola (Barbosa & Marinho-Araújo, 2010; Guzzo, 2002; Marinho-Araújo & Almeida, 2005). Isto é, o psicólogo escolar ressignificou sua prática tornando a escola como sujeito de intervenções. A partir de então, o objetivo principal da psicologia nesse contexto passou a ser o trabalho na prevenção e promoção de saúde, de forma a contribuir com a aprendizagem e com relações saudáveis na escola (Rodrigues, et al. 2008).

PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL HOJE

Hoje, as práticas em que atuam os profissionais de psicologia escolar enfatizam fatores objetivos e subjetivos do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, considera-se o contexto sociocultural onde a escola e as pessoas que fazem parte dela estão inseridas. Analisa-se a

importância das relações inter e intra-subjetivas entre professor-aluno, considerando o aluno como sujeito de conhecimento e a escola com papel social fundamental na formação dos sujeitos nela inseridos (Guzzo, 2002; Lena & Facci, 2011).

Considera-se atualmente que a psicologia escolar é a especialidade da psicologia, que se interessa pelo modo como a educação afeta as crianças em geral, e como se dá a interação do aluno com uma escola específica, do professor com o aluno e com seus pais, do professor com a equipe diretiva. Assim, o psicólogo escolar trabalha com pessoas sobre questões pertinentes ao contexto escolar, tais como: dificuldades de aprendizagem ou problemas comportamentais e de relacionamento apresentados por alunos, professores, especialistas em educação, pais e a comunidade onde estão inseridos (Costa, Souza & Roncaglio, 2003; Guzzo, 2002).

Deste modo, cabe ao psicólogo escolar conhecer as forças que influenciam a escola e como essa reage àquelas. Assim, o psicólogo escolar deve aplicar técnicas e conhecimentos psicológicos aos problemas apresentados na escola como um lugar total. Isto é, aplicar conhecimentos psicológicos aos problemas advindos do contexto escolar (Costa, Souza & Roncaglio, 2003). Para Patto (1997), cabe à psicologia escolar se preocupar com o clima institucional e a relação pedagógica expressados na escola através das interações e nas suas relações de poder. Portanto, a psicologia escolar deve captar questões e fatos educacionais. Isto significa que a psicologia deve ser uma psicologia da escola, atuando nela, estudando-a, considerando o cotidiano da vida dos sujeitos que fazem parte dela.

Quanto ao espaço físico, Andrada (2005) afirma que o psicólogo escolar necessita de um espaço onde possa escutar demandas da escola e, a partir disso, pensar em maneiras de lidar com as situações cotidianas. Ao mesmo tempo, cabe ao psicólogo escolar não permanecer atrelado a um espaço físico específico, pois a demanda dificilmente chegará até a sua sala. A demanda está por todos os lugares e o psicólogo escolar deve estar atento aos diversos espaços do contexto da escola.

Tendo em vista essas características do psicólogo escolar na atualidade, pode-se refletir sobre quais são os seus objetivos nesse contexto. O psicólogo escolar deve atuar com estratégias de intervenção para conscientizar os papéis, funções e responsabilidades de cada autor do processo escolar. Isso possibilita uma desconstrução e até mesmo uma reconstrução de uma nova identidade profissional para o psicólogo que atua na escola, bem como dos outros profissionais que lá trabalham (Guzzo, 2002).

Por outro lado, a função da psicologia escolar também é de prevenção. Assim neutraliza as influências negativas de certas condições sociais e/ou educativas, podendo integrar e mobilizar recursos técnicos e humanos dentro da instituição escolar. Esta prática possibilita a propagação de informações e a transmissão de conhecimentos específicos ou diferenciados através de linhas de ação e elementos influenciáveis em determinadas situações escolares. Além disso, o psicólogo escolar deve buscar soluções para problemas já diagnosticados, a fim de poder transformar

situações disfuncionais e facilitar o cumprimento dos objetivos da educação (Costa, Souza & Roncaglio, 2003). O psicólogo nesse campo de atuação também pode trabalhar com promoção de saúde, através de intervenções com alunos, pais e professores (Rodrigues, et al. 2008).

O Conselho Federal de Psicologia (CFP), na resolução nº 013/07, reconhece como uma das especialidades da psicologia a Psicologia Escolar/Educacional e descreve algumas tarefas que lhe cabe no campo de atuação. Nesse sentido, o psicólogo escolar atuaria no âmbito da educação formal realizando pesquisas, diagnóstico e intervenção preventiva ou corretiva em grupo e individualmente. Envolve, em sua análise e intervenção, todos os segmentos do sistema educacional que participam do processo de ensino-aprendizagem. Nessa tarefa, considera as características do corpo docente, do currículo, das normas da instituição, do material didático, do corpo discente e demais elementos do sistema. Em conjunto com a equipe, colabora com o corpo docente e técnico na elaboração, implantação, avaliação e reformulação de currículos, de projetos pedagógicos, de políticas educacionais e no desenvolvimento de novos procedimentos educacionais. No âmbito administrativo, contribui na análise e intervenção no clima educacional, buscando melhor funcionamento do sistema que resultará na realização dos objetivos educacionais. Participa de programas de orientação profissional com a finalidade de contribuir no processo de escolha da profissão e em questões referentes à adaptação do indivíduo ao trabalho. Analisa as características do indivíduo portador de necessidades especiais para orientar a aplicação de programas especiais de ensino. Realiza seu trabalho em equipe interdisciplinar, integrando seus conhecimentos àqueles dos demais profissionais da educação. Para isso realiza tarefas como, por exemplo:

- a) Aplicar conhecimentos psicológicos na escola, concernentes ao processo ensino-aprendizagem, em análises e intervenções psicopedagógicas; referentes ao desenvolvimento humano, às relações interpessoais e à integração família-comunidade-escola, para promover o desenvolvimento integral do ser;
- b) Analisar as relações entre os diversos segmentos do sistema de ensino e sua repercussão no processo de ensino para auxiliar na elaboração de procedimentos educacionais capazes de atender às necessidades individuais;
- c) Prestar serviços diretos e indiretos aos agentes educacionais, como profissional autônomo, orientando programas de apoio administrativo e educacional;
- d) Desenvolver estudos e analisar as relações homem-ambiente físico, material, social e cultural quanto ao processo ensino-aprendizagem e produtividade educacional;
- e) Desenvolver programas visando a qualidade de vida e cuidados indispensáveis às atividades acadêmicas;
- f) Implementar programas para desenvolver habilidades básicas para aquisição de conhecimento e o desenvolvimento humano;

- g) Validar e utilizar instrumentos e testes psicológicos adequados e fidedignos para fornecer subsídios para o replanejamento e formulação do plano escolar, ajustes e orientações à equipe escolar e avaliação da eficiência dos programas educacionais;
- h) Pesquisar dados sobre a realidade da escola em seus múltiplos aspectos, visando desenvolver o conhecimento científico.

Atualmente, percebe-se que, mesmo que o campo esteja em consolidação, o psicólogo escolar tem suas atividades demarcadas como as descritas acima. Essas atividades descritas, resultam de uma longa caminhada histórica, que precisou ser enfrentada e modificada para que a área ganhasse reconhecimento e espaço. Por outro lado, ainda há a visão de educadores e algumas práticas de psicólogos, centradas naquelas atividades em que situam o seu nascimento (avaliação, classificação do aluno problema) (Souza, Ribeiro & Silva, 2011; Gaspar & Costa, 2011; Lena & Facci, 2011).

TÉCNICAS QUE O PSICÓLOGO ESCOLAR PODE UTILIZAR NA SUA PRÁTICA

Além de analisar o percurso histórico da Psicologia Escolar/Educacional, torna-se importante destacar alguns trabalhos que o psicólogo pode desempenhar no contexto educacional. Técnicas gerais utilizadas na psicologia são também utilizadas neste contexto. No entanto, as especificidades da escola exigem um olhar ampliado, o qual depende mais da postura e da teoria seguida pelo psicólogo do que da aplicação de técnicas em si mesmas. Serão discutidas as seguintes técnicas: observação, avaliação psicológica, aconselhamento, dinâmicas e grupos operativos. É importante salientar que existem outras técnicas e maneiras de intervir, mas que, por serem mais utilizadas, são estas que serão destacadas neste trabalho.

Observação: Segundo Costa, Souza e Roncaglio (2003), é através da observação que se dá a procura do que está encoberto e essa possibilidade favorecerá uma melhora na relação dos indivíduos com o que está ao seu redor. Para observar é necessária uma atenção concentrada aos fenômenos que ocorrem, nas suas condições, tentando buscar suas causas, leis e propriedades. Conforme os mesmos autores, essa técnica é uma das mais utilizadas para recolher dados e subsídios para as ações que, posteriormente, serão executadas juntamente com todos os profissionais da educação. Por isso, ela antecede qualquer outra técnica. O psicólogo escolar deve estar atento e observar tudo o que acontece no contexto escolar, pois é através da sua observação que este pode levantar demandas para seu trabalho como psicólogo da escola.

Avaliação Psicológica: O psicólogo escolar pode lançar mão de avaliações psicológicas àquelas crianças e adolescentes que, após tentativas de resolver dificuldades dentro do sistema da sala de aula, possuem dificuldades maiores, mais individuais que necessitem de um apoio psicológico. Por isso, podem ser realizadas avaliações psicológicas a fim de perceber se há necessidade de encaminhamento para psicoterapia. Se houver necessidade desse tipo de atendimento, os alunos e/ou outras pessoas do contexto escolar devem ser encaminhados para serviços fora da escola, pois não é tarefa do psicólogo escolar realizar psicoterapia na escola. O psicólogo é “da” escola, podendo servir como um facilitador para encaminhamentos que sejam necessários, através do acionamento da rede: Conselho Tutelar, Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), clínicas-escolas (Costa, Souza & Roncaglio, 2003, Rodrigues, et al. 2008).

Aconselhamento: Uma das formas de se pensar o aconselhamento no contexto escolar refere-se a uma relação entre duas pessoas, na qual uma delas é ajudada a resolver dificuldades de ordem educacional, profissional, vital podendo assim, utilizar-se melhor dos seus recursos pessoais. O aconselhamento pode ocorrer individualmente e em grupo. Por exemplo, no contexto da escola, pode haver um grupo de aconselhamento com professores, alunos ou pais, quando houver demanda em comum (Costa, Souza & Roncaglio, 2003).

Nesse sentido, o aconselhamento escolar trabalha com indivíduos frente a situação da realidade em que estão inseridos, por isso a importância do psicólogo escolar trabalhar a nível educacional e não a nível terapêutico. Com isso, o aconselhamento pode impedir a mobilização de ansiedades que não terão condições de ser trabalhadas na escola, somente na clínica psicológica, fora do contexto escolar. O psicólogo no contexto escolar pode, diariamente (se assim for necessário), aconselhar pais, professores e equipe escolher acerca dos problemas que estão acontecendo na escola. Esse aconselhamento se dá através de técnicas que o psicólogo possui, como técnicas de entrevista, escuta, observação atenta. Através disso ele pode identificar possíveis causas do problema e ajudar a pessoa a resolvê-lo (Costa, Souza & Roncaglio, 2003).

Dinâmicas: Conforme Militão (1999), dinâmica vem da palavra grega *dynamis* que significa força, energia, ação. Muitos estudiosos buscaram através das dinâmicas de grupo ensinar às pessoas comportamentos novos, discutindo e decidindo em grupo substituindo métodos tradicionais de transmissão do conhecimento. Através de dinâmicas de grupo se espera que as pessoas possam desinibir a capacidade criadora, tornando-se mais desenvoltos; aumentar as transformações no grupo, alterando sua produtividade; aumentar a coesão grupal, proporcionando um aperfeiçoamento do trabalho coletivo, procurando atingir metas socialmente desejáveis, aumentando a eficiência, com a fundamentação do conhecimento de leis que regem a vida dos grupos. Além disso, buscam-se transformações do potencial do grupo, fazendo-o crescer

a harmonia do relacionamento interpessoal (Militão, 1999). As dinâmicas podem ser aplicadas pelo psicólogo escolar a fim de tornam os educadores mais unidos, prepará-los para mudanças e conscientizá-los dos papéis que possuem na escola. Também podem ser aplicadas com alunos e pais. As dinâmicas podem ser uma forma mais lúdica de tornam o grupo mais unido a favor de resultados mais efetivos na escola.

Grupos Operativos: Segundo Zimerman (2000), o ser humano é gregário e só existe devido seus inter-relacionamentos grupais. Assim, desde que nascemos participamos de diferentes grupos na busca constante de uma identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social. Um grupo pode ser então, um conjunto de três pessoas, como também uma família, uma turma ou gangue de formação espontânea, uma composição artificial de grupo (da classe de escola, ou um grupo terapêutico, uma fila de ônibus; um auditório).

Conforme Osório (2000), os grupos operativos definem-se como grupos centrados na tarefa, a qual é considerada essencial, assim, o que caracteriza os grupos operativos é a relação que seus integrantes mantêm com a tarefa e esta pode ser tanto a obtenção da cura (grupo terapêutico), quanto a aquisição de conhecimentos (grupo de aprendizagem). Para o autor, a importância de um grupo operativo se dá em função de resolução de situações estereotipadas e obtenção de mudanças, sendo que todo grupo terapêutico proporciona aprendizagens de relação com o grupo e um grupo de aprendizagem cria um clima próprio para resolução de conflitos interpessoais, sendo assim terapêutico. Conforme Osório (1989), o grupo operativo além de ser um instrumento de trabalho, um método de investigação, ele cumpre uma função terapêutica.

Nos grupos operativos, as pessoas que dele participam aprendem além de pensar, adquirir conhecimento que os capacita a observar e a escutar, a relacionar as opiniões do outro com suas próprias opiniões, admitir que o pensamento do outro pode ser diferente do seu e também a formular hipóteses em uma tarefa de equipe. Paralelamente a isso, os integrantes do grupo também aprendem a ler e a estudar (Bleger, 1998).

Para Outeiral e Cerezer (2005), na escola, são várias as possibilidades de trabalhos com grupos, isto é, há várias combinações possíveis: grupo de alunos, professores e também de pais. Para os autores é de grande importância que se possa trabalhar com esses tipos de grupo dentro do contexto escolar. Em relação ao grupo que se faz com alunos, esses são fundamentais para uma “vida escolar” eficiente. São geralmente centrados em uma ou mais tarefas como relacionamentos dentro da sala de aula, manejo de situações ligadas a limites ou sexualidade.

Já em grupos com professores, esses podem ser realizados com professores de uma mesma disciplina, de uma série, de uma sala de aula ou que estão em uma mesma atividade de apoio didático e/ou administrativo. Os grupos com pais podem ser realizados de várias formas, com temas gerais escolhidos pelos pais e com a ajuda do profissional que coordena o grupo. Podem ser realizados pequenos grupos para discutir determinados temas ou situações específicas e até

mesmo, grupos de pais, juntamente com professores para discutir temas comuns da comunidade escolar (Outeiral & Cerezer, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo propôs-se a descrever o percurso histórico acerca do campo de atuação da Psicologia Escolar/Educacional através de alguns autores importantes na área. Primeiramente foram descritas algumas considerações históricas que discutem como esse campo da Psicologia foi se constituindo. Percebe-se, no decorrer do século XX que a Psicologia Escolar/Educacional foi primeiramente focada em aspectos individuais, com foco no aluno. Nesse aspecto, todos os problemas concernentes à aprendizagem e/ou comportamento no contexto escolar, estariam diretamente ligados ao desenvolvimento do aluno. O psicólogo, nesse contexto, tinha como base a Psicologia Clínica. Quando havia demanda, aplicavam-se testes psicológicos nos alunos, separando-os em classes especiais (aqueles que apresentavam dificuldades).

A partir da década de 70, houve uma insatisfação dos psicólogos com sua atuação nesse campo, que se prolongou até a década de 90. Houve então, um avanço nas discussões a respeito da psicologia escolar, propiciando em 1988 a criação da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE). De fato, tornou-se necessária a busca por novas modificações teóricas e metodológicas para a atuação do psicólogo nesse campo. Nessa perspectiva, o psicólogo passa, principalmente, a atuar de forma mais coletiva, considerando o contexto escolar como um todo.

No entanto, percebe-se que ainda existem divergências quanto à prática do psicólogo escolar. A visão do psicólogo escolar como aquele que aplica testes, realiza diagnóstico e atende alunos, ainda permanece no imaginário social. Além disso, estudos ainda revelam uma prática voltada para o individual e não para o coletivo (Souza, Ribeiro & Silva, 2011, Gaspar & Costa, 2011, Lessa & Facci, 2011). Uma forma de desmistificar a prática calcada em uma postura clínica e individualizante é divulgar através de trabalhos científicos, quais são os objetivos de sua especialidade dentro da escola. Além disso, os psicólogos que trabalham nas escolas ou realizam estágio como psicólogos escolares devem mostrar suas práticas para a comunidade e discutir sobre elas com as Universidades, pois as divergências criadas possuem um fundamento histórico, não existindo somente no ideário da comunidade escolar. Além disso, a prática de alguns psicólogos clínicos dentro da escola confunde o conhecimento dos limites e potencialidades de cada profissional, assim como este cometer alguns erros por não estar adequado às exigências do contexto escolar.

Por esse motivo, entre tantos outros, ainda hoje é percebida a tendência de profissionais que atuam na escola buscarem uma justificativa do fracasso escolar no indivíduo, por exemplo. Muitas vezes, na tentativa de deslocar a ênfase do indivíduo, como a Psicologia Clínica costuma

fazer, a Psicologia e a Pedagogia buscam novas maneiras de justificar o fracasso escolar sem implicar a escola no processo de responsabilização e mudanças. Percebe-se, muitas vezes, que essa ênfase no indivíduo recai sobre o ambiente no qual ele se insere, principalmente sobre a família e o contexto socioeconômico cultural, na tentativa de desviar o foco da escola.

Pode-se perceber que cada parte envolvida na problemática tenta isentar-se de sua parcela de “culpa”, deslocando-a para outro. No discurso dos professores evidencia-se que eles responsabilizam os alunos e suas respectivas famílias por qualquer problema que venha a surgir em sala de aula, ou até mesmo o governo, por este não valorizar o trabalho dos professores e não dar verbas para a educação. Por outro lado, a família coloca a razão das dificuldades escolares nas práticas pedagógicas, dizendo que as professoras não sabem ensinar, que esta é função unicamente da escola. Tanto escola quanto família por vezes atribuem o fracasso da criança a esta, num discurso que contempla o inatismo: “nasceu assim, não tem jeito, é hereditário de família”. Neste contexto, o psicólogo se insere, muitas vezes, tomando o discurso da escola como seu, entrando com práticas diagnósticas que confirmam a prática escolar, isto é, a escola não tem o que fazer, uma vez que toda a razão da dificuldade está no aluno e/ou na dinâmica familiar (Yunes, Garcia & Albuquerque, 2007; Patias, Abaid & Gabriel, 2011).

A formação acadêmica do psicólogo reforça a ênfase no indivíduo na medida em que muitas teorias psicológicas estão focadas no indivíduo e na sua família, culpabilizando estes (e principalmente os pais) pelos fracassos ocorridos. Esses aspectos são reproduzidos pelo psicólogo, pois sua educação também foi determinada e baseada nestes mesmos princípios.

Mesmo que se apontem as dificuldades e os entraves do psicólogo escolar, pode-se pensar que esta área tem se expandido e criado novos espaços para uma prática diferenciada. O Psicólogo Escolar/Educacional conta com um arsenal de técnicas e teorias que podem ajudá-lo a refletir sobre a sua prática e sua postura frente aos problemas humanos. Com estudo e abertura para o diálogo com outros profissionais, a Psicologia Escolar/Educacional tende a se desenvolver de forma mais justa e conectada com os preceitos coletivistas e sistêmicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrada, E. G. C. (2005). Novos Paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18 (2), 196-199.

Barbosa, R. M. & Marinho-Araújo, C. M. (2010). Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27 (3), 393-402.

Bleger J. (1998). *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Bock, A. M. B. (2003). *Psicologia da educação: cumplicidade ideológica*. In: Meira, M. E. M.; Antunes, M. A. M. (Org.). *Psicologia escolar: teorias críticas*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 79-103.

Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2007). – *Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro nº 013/07*.

Costa, C. R., Souza, I. E. R. & Roncaglio S. M. (2003). *Momentos em Psicologia Escolar*. 2ª ed. 3ª triagem. Curitiba: Juruá.

Gaspar, F. D., & Costa, T. A. (2011). Afetividade e atuação do psicólogo escolar. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 15 (1), 121-129.

Guzzo, R. (org). (2002). *Psicologia Escolar: LDB e educação hoje*. São Paulo: Alínea.

Guzzo, R. S. L. et al. (2010). Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26 (especial), 131-141.

Yunes, M. A., Garcia, N. M. & Albuquerque, B. M. (2007). Monoparentalidade, pobreza e resiliência. Entre as crenas dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 20 (3), 444-453.

Lessa, P. V., & Facci, M. G. (2011). A atuação do psicólogo no ensino público do Estado do Paraná. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 15 (1), 131-141

Marinho- Araújo, C., & Almeida, S. (2005). *Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional*. São Paulo: Alínea.

Militão, A. (1999). *S.O.S: dinâmica de grupo*. Rio de Janeiro: Qualitymark.

Osório, L. C. (1989). *Grupoterapia Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Osório, L. C. (2000). *Grupos: teorias e práticas acessando a era da grupalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Outeiral, J., & Cerezer, C. (2005). *O mal – estar na escola*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revinter.

Patias, N. D., Abaid, J. L. W., Gabriel, M. R. (2011). Concepções de família na escola. Psicopedagogia On Line, s/v.

Patto, M. H. S. (org). (1997). *Introdução à psicologia escolar*. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rodrigues, M. C. et al. (2008). Prevenção e promoção de saúde na escola: concepções e práticas de psicólogos escolares. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 1(1), 67-78.

Souza, C. S., Ribeiro, M. J., & Silva, S. M. (2011). A atuação do psicólogo escolar na rede particular de ensino. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 15 (1), 53-61.

Zimerman, D. E. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artmed.